

# A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 8 de fevereiro

## A NOSSA ATTITUDE

Debaixo da epigraphe —  
*A nossa attitude*—lê-se no  
*Primeiro de Janeiro*:

«Ha dias na camara dos pares, o sr. visconde de Chancelleiros, fez uma declaração importante. Não sabemos quaes as palavras textuaes: o sentido, se até nós não chegou adulterado o ecco das suas frases, foi o seguinte: «Este governo, com os seus erros, com as suas medidas de fazenda que representam a miseria do povo, não vive do apoio do paiz: se se sustentam com o seu programma, é unicamente por favor da corôa, e então elle, orador, não teria duvida de quebrar os laços que o prendiam á cadeira que herdara e de cumprir o seu dever pondo-se ao lado da nação.»

Ainda não vimos nenhum jornal, affeiçãoado ás instituições com aquelle affecto que mais compromette do que serve, dessembestar contra o caracter d'ação do grande tribuno as accusações de *demolidor*, de *jacobino*, de *sans-colotte*, que é d'uso dispensarem-se a todos quantos ousam dizer em voz alta o que está na consciencia de tanta gente, a todos quantos se atrevem, sem quebra de respeito aos altos poderes do estado, com toda a veneração devida ao chefe das instituições que se têm defendido, dizer-lhes as rudes e sinceras verdades, contra as quaes se ergue a bater a malta dos cortesãos o bando sordido d'esses que só adoram a monarchia porque ella é quem manda, porque ella é quem está no poder, porque os seus ministros é que dão benesses e honras, empregos e favores. Porque será que assim se fez ao prodigioso tribuno, quando contra nós, de colmilhos aguçados, brandam violentos alguns collegas nossos, gritando que desmoralisamos o povo porque o aconselhamos a legitima resistencia, e lhe dizemos que só elle tem a força, e o incitamos a que use d'ella e lhe explicamos que, se quizer, sem revoluções nem tumultos, pôde governar, mandar, impôr-se aos poderosos por mais altos que sejam, e até ao chefe do estado que é o mais alto empregado da nação?

Ainda ha poucos dias, um jornal de Lisboa e órgão do partido regenerador, investia conosco, apodando-nos de jacobinos, accusando-nos de illudir a opinião publica. Porque? Por

dizermos que a nação está cansada e exausta dos erros da administração publica e que o chefe do estado, dentro da constituição, inspirado sempre nos principios liberaes, tem o dever, para salvação do paiz, de exigir dos seus ministros, o mais severo rigor na applicação das leis, o mais stricto aperto nas economias, a maior protecção ás classes populares que agora se vae, como nunca, pretender espoliar? Pois somos jacobinos por termos estado ao lado das instituições, por entendermos que é um perigo o lançar-se o paiz em aventuras revolucionarias.

Que temos nós dito aqui que exceda aquillo que, em poucas, mas eloquentissimas phrases, disse o grande tribuno que, em favor do paiz, fez na camara alta o que mais cabia á assembleia popular?

Não recuamos um passo, não retiramos uma palavra de tudo quanto aqui temos escripto. Perfilhamos inteiramente as palavras do honrado e talentosissimo parlamentar, que tem um caracter d'aço e o culto sagrado do patriotismo».

—Como ahi se vê, á sombra do discurso do sr. Chancelleiros, poz o jornal portuense o artigo, em que ameaça a corôa, e parece não ter, e decerto não tem, com que justificar-se, pois se auctorisa com as qualidades pessoases do discursador, que não suprem, nem valem razões, e estas nem um, nem outro, se digna dal-as.

O trecho parlamentar, que cita, merece a mesma censura que o artigo.

Com que justiça, ou com que motivos antecipa o digno par um conflicto entre a corôa e o paiz?

Já o sr. D. Carlos se mostrou parcial d'este governo ou dos seus projectos?

Já deu indicios de sustentá-lo contra as camaras ou contra o voto nacional?

Quaes são os factos que constituem, ou sequer fazem presumir, uma renitencia do poder superior, e do genero d'aquellas que só as revoluções desfazem?

O que é que obriga um membro da camara alta a expellir dos hombros os arminhos?

Ainda quando chegassem

os projectos a vigorar, em breve não viriam outro governo e outras camaras que os abolissem?

A que vem taes suspeitas ou taes hypotheses, que o recto proceder do monarcha até hoje não admite, principalmente agora, quando todos os partidos nas camaras, e fóra das camaras, se insurgiram contra as propostas *representantes da miseria*, e que, portanto, não se presume que vigorem?

E quando o chefe do governo declara acceitar todas as modificações, e não tem, nem pôde ter d'esses caprichos do mando, provocadores das revoltas?

Acaso se quer, que o rei por um acto directo e arbitrario se dicida contra o presidente do conselho, quando já está mais ou menos combinado com o parlamento, e este d'accordo com a opinião geral e com o *Primeiro de Janeiro*?

Onde estão as causas reaes que dão direito ou motivo a um conflicto do povo com o soberano, ou que o tornam ao menos provavel?

Não attendeu o illustre par senão ao effeito oratorio, exaltado como estava contra o presidente do conselho — mas se justamente o aggreuiu, o que não discutimos, d'ahi a implicar com justiça o soberano nas suas aggressões vae grande distancia, e o nosso amigo, o sr. visconde de Chancelleiros, é assás generoso e sincero para que o não reconheça.

Os jornaes tomam esse trecho, como elle é, um modo de fazer sentir a sua indignação contra quem julga, que o desconsiderou e desprezou sem cerimonia.

Por isso o não commentam — e o lado pessoal do discurso bem o frisaram.

Mas o sr. Chancelleiros não se expressou como o *Primeiro de Janeiro* — «Se o rei não cumprir os seus deveres, sahiremos da monarchia».

Os deveres politicos do rei são dependentes das indicações constitucionaes, tão variaveis, e ás vezes oppostas,

que o juizo entre ellas não é facil, de modo, que sem a analyse do acto e das circumstancias particulares, em que se pôde julgar ter faltado aos seus deveres, aquella ameaça é vasia de sentido.

E agora, quem julgava, que por teima e capricho o sr. D. Carlos sustentaria o governo actual?

Ninguém — nem o *Primeiro de Janeiro*, que estava já a vê-lo em terra.

Quem o sustenta ainda? A declaração de acceitar todas as modificações aos seus projectos.

Depois d'ella não pôde conceder-lhe ou um addiamento, ou a dissolução das camaras?

E se conceder, havemos de gritar que faltou aos seus deveres?

Não pôde julgar que ainda convém a existencia d'este ministerio extra-partidario?

Eu julgo que não, porque pelos indicios cada vez mais claros de se combinar com um dos partidos contra o outro, toma uma côr politica, e falsêa o seu character.

Mas estas razões não quadram ao *Primeiro de Janeiro*, e ahi tinhamos o rei com mais este embaraço — a querer regular-se por ellas.

As ameaças foram *extemporaneas e precipitadas*.

Errou com a pressa. Os seus amigos estão ligados com o governo.

## II

Não explicou o *Primeiro de Janeiro* ao povo, ou ás classes pobres, de quem se diz o defensor, que os impostos, ou estes, ou aquelles, são forçados, e urgentes, mas abstendo-se d'essas explicações, hoje necessarias, e capitulando de injustos e expoliadores os do governo, como se a este não pezasse que fossem rigorosos, como se não fossem urgentes, fazia crer ao povo, que havia só vontade em vexal-o e não necessidade dos seus novos sacrificios — era excital-o, era illudil-o, era desvairar a opinião do maior numero e virando-se para o monarcha a inti-

mal-o que cumpra os seus deveres, com a ameaça do abandono da monarchia, lança sobre elle a suspeita de que é connivente com a expolição supposta, e tanto que é preciso ameaçal-o com a perda da corôa — e a final clamando, que entre a monarchia e o povo, ha-de preferir o povo, é simular um antagonista a degenerar em lucta, é illudir mais uma vez os seus leitores, os menos consciences já se sabe, pois hão de julgar, que ha uma causa do povo, e outra do soberano, que os seus interesses são rivaes, quando são solidarios.

## III

Observa, que «nenhum jornal desembesta contra o digno par, nem o accusa de jacobino, etc., como usa a malta dos cortesãos, o bando sordido dos que adoram a monarchia, porque é ella, quem manda e dá benesses com aquelles, que ousam dizer rudes e sinceras verdades».

Não sabe, porque todos pouparam o tribuno, emquanto, que bradaram alguns jornaes de *colmilhos aguçados* contra o *Primeiro de Janeiro*.

A razão está dita.

Mas o tribuno não appoiou a orgia de 86 a 90, não se contradiz nos seus exageros, não gastou palavras em defeza de um governo anti-liberal, *expoliador* para fins não confessaveis nas suas innovações e nos seus processos, vexante nas leis tributarias e de todos os seus vexames lembraremos apenas as licenças, com as quaes se offendia a liberdade do trabalho, e a prisão, com a qual se offendia a liberdade pessoal dos operarios, que sem ellas trabalhassem, dois vexames, os maiores para as classes pobres.

E não se ouviu então a voz do *Primeiro de Janeiro*, apesar de sincera, rude e cheia de verdades — então não foi o povo, que na sua sinceridade quiz preferir aos governantes, mas preferiu ao povo um ministerio odioso, e odiado, que respondeu com balas ás manifestações populares; e o

povo, como nos diz, *póde impôr-se aos poderosos, por mais altos que sejam*, verdade de que n'essa epocha se esqueceu, e de que hoje se recorda em reclamo ao favor publico, que se não tem honras e benesses para dar, tem assignaturas, com que se formam algumas fortunas.

Então essa verdade não lhe servia, mas serve agora, e ambas as vezes illude e desvaira a opinião, da primeira do lado dos governantes, e da segunda ameaçando gratuitamente o soberano.

O effeito das suas declamações era ainda o mesmo, quando com falsidades e erros intencionaes desacreditava o tratado anglo-luso clamando — *digam que não perdemos o Barotze, que não perdemos Gazza, que não perdemos as duas margens do Zambeze, está perdido o nosso imperio africano*. E ao mesmo tempo descrevia o sr. D. Carlos nas suas caçadas *vestido de farda vermelha para ser agradável aos expoliadores inglezes*.

Attribuindo-lhe esta cynica indifferença pelos interesses nacionaes, revoltava os animos credulos e produzia uma falsa sensação, funesta ao paiz, injusta para com a corôa, e só conveniente aos politicos cahidos, amigos do jornal a todos os olhos faccioso.

## IV

Fallando da *malta dos cortejos, do bando sordido dos que adoram a monarchia so porque é ella quem manda*, fallou debalde—porque até essa malta, esse bando, se de *golmilhos aguçados investiu* com tão sincero e fervoroso democrata, não atacou injustamente, e se contra elles é permitido ao *Primeiro de Janeiro desembarcar e aguçar os seus colmilhos*, não é no caso que se discute.

Não entro na malta, nem no bando—não tenho benesses, nem favores dos governos—e honras, só as que herdei de quem com o sacrificio dos seus haveres, dos seus logares eminentes, com o risco da vida, exposta nas cadeias do Porto ás sentenças da Alçada, ajudou a pôr a corôa na cabeça dos reis constitucionaes.—Enganou-se commigo—isto é com o auctor do artigo reproduzido na *Tarde*, o jornal regenerador, a que se refere. Nem a minha penna é mercenaria, escrevo de graça—e na imprensa, ninguém tem sido mais imparcial, nem mais independente, nem mais franco nos seus conceitos em toda a especie de assumptos.

Ninguém dentro dos partidos monarchicos escreveu primeiro do que eu, nem avançou mais nas suas affirmativas, em favor dos direitos das classes inferiores. (O

*direito e as classes sociaes—Rev. Nacional.*)

Ninguém como eu apontou os erros economicos (hei-de repetil-os) de todos os governos, e que só hoje se reconheceu—mas apontei-os com rigorosa imparcialidade—e com a justa differença entre quem fomentava a riqueza do paiz, e para isso se exagerava nos meios, e quem, depois converteu os recursos creados em conveniencias partidarias.

O *Jornal de Noticias* em um dos seus artigos de fundo, firmado com o meu nome, que me fez a honra de publicar, e se intitula a *El-rei*, avisa o soberano, mas não faz ameaças—em quanto o *Primeiro de Janeiro* incensava o governo—e quando então a minoria regeneradora se levantava indignada contra tantos escandalos, o mesmo jornal fingia, que ella não era a voz da nação, porque aos *trouões de S. Bento*, respondia o *silencio completo em todos os angulos do paiz*—e que se ouvil-a era *preceito para os governos também o devia ser para as opposições parlamentares*.

Não discuto essa famosa theoria, mas só a trago como prova de quanto zelava os seus amigos no poder, e não os reprehendia, nem avisava.

Só se lhe ouviu uma queixa sobre a preferença, que estes davam á *nova sobre a velha guarda* dos progressistas.

Eu não sei, se acaso se tratava de conselhos occultos se de favores—mas em todo o caso, se o *Primeiro de Janeiro* pertencia á 2.ª, tinha assento e antigo n'aquelle partido, o que nega, quando lhe parece.

## V

Por ultimo, duas volumosas contradicções, além das apuradas, nascidas do desejo de justificar-se e d'agredir ao mesmo tempo, mostram, que não logrou nem a defeza, nem a offensa.

Se os regeneradores estão d'accordo com os progressistas emquanto á recusa dos projectos de consumo, como é que o mesmo facto serve ao *Primeiro de Janeiro* para se inculcar austero conselheiro da corôa e todo zeloso dos interesses populares, e para excluir das mesmas virtudes os adversarios, que igualmente condemnam aquelles projectos?

Como é que os macúla de sordidos adoradores da monarchia?

Queixa-se ainda de que estes usam incriminal-o de jacobino e demolidor das instituições, quando entre *verdades amargas, que são a sua melhor defeza, disse que é um perigo lançar o paiz em aventuras revolucionarias*.

Então o *Primeiro de Janeiro* aponta e sente o grande perigo que d'ahi vem, e clama que *sahirá da monarchia*, se o rei não satisfizer aos seus desejos, os quaes deixa vagos, como se não houvesse modo algum de realisal-os se não fóra das instituições vigentes?

Como entende sahir e ficar dentro d'ellas?

Como ha de sahir sem as aventuras revolucionarias?

Onde fica é dentro d'um absurdo. E ficando ahi póde dizer: *não recuamos um passo—não retiramos nada do que temos escripto*.

N'essa imagem rasteira, n'esses violentos insultos pretende abafar os reparos dos collegas, que o destino accintoso fez coincidir com o mallogro da intimação, dirigida ao sr. José Dias n'esta phrase—*«vá-se embora»*—intimação fiada nas ameaças ao soberano, e pela qual aspirava sem duvida a que se lhe attribuisse uma grande influencia na queda do governo.

Despedia-o no momento, em que ella parecia inevitavel, como se roga a chuva na hora, em que os ares bem turvos a promettem—o governo ficou, o effeito theatral da phrase gorou-se.

O abandono da monarchia vemos com espanto, que o rejeita agora, porque nos diz ser um *perigo lançar o paiz em aventuras revolucionarias*—mas rejeita-o, quando o auctorisa com o discurso do sr. Chancelleiros?

Esta e outras contradicções, as ameaças impertinentes, os falsos tons das invectivas, não lhe augmentam os creditos, nem desculpam as insolencias.

E diz, que não recua um passo, e nada retira, quando d'esta vez foge do campo, e tudo retira.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## PROPOSTAS

Admirou-se o *Povo d'Ovar* ou antes, o sr. Fragateiro de que tivéssemos gritado «aqui d'el-rei» contra a sua proposta a respeito das estradas, e veio no seu ultimo numero com uma defeza que em nada defende a sua *celeberrima* proposta.

Continuaremos, pois, no nosso proposito.

As estradas que a camara quer tomar sob a sua responsabilidade, são as seguintes:

—A estrada da Ribeira d'Ovar á Ponte Nova (caminho de ferro) que faz parte da estrada n.º 27, d'Ovar a Carvoeiro.

—A das Pontes da Graça a S. Miguel (caminho de ferro) que faz parte da estrada n.º 27 A, d'Ovar a Angeja.

—A da Praça á estação, e a que vae da estação á rua da Fonte.

Todas estas estradas estavam a cargo do governo, e foram estas exactamente que o vereador Fragateiro propôz ficassem a cargo do municipio.

Quantos contos de réis são precisos para as reparar?

Quanto se gastará annualmente com a sua conservação?

Leia-se o que o vereador Fragateiro escreveu em defeza da sua proposta, e ahi está daguerreotypado o *homem* que até escreveu que a dotação d'estradas d'este municipio regulava por um conto de réis em velhos tempos, mas que agora sobe a uns poucos de contos!!

Isto é um cumulo! O' senhor vereador, onde é que viu isso?

Que velhos tempos são esses, em que falla?

Porque codigos estuda? Ou será v. s.ª algum sabio da Grecia?

Ha de explicar-nos essa questão da dotação d'estradas com mais vagar, para nos esclarecer um pouco.

E tambem nos ha-de dizer com que ha-de reparar as demais estradas a cargo d'este municipio.

Mas o vereador Fragateiro faz mais ainda.

Vae fazer a estrada do Sobral, a da Granja a Sande, a da Marinha (estas a pedido e por empenho do seu presidente dr. Valente), a de Vallega, arrematada pela camara transacta, contra cuja arrematação se protestou, e ainda outra em Vallega, a de Pereira!

E ainda mais: faz novos Paços do Concelho!

Esse projecto, porém, é posto de parte, porque o seu presidente faz uma proposta para que sejam feitas amplas reparações nos velhos.

E' justo. Nem tudo corre conforme os nossos desejos... perdão, conforme os desejos da camara actual... a não ser a aquisição das estradas.

Mas ha mais ainda:

Faz por proposta do seu presidente a immediata reconstrucção do muro do lado do sul do Hospital, o qual separa e veda o quintal do vereador Fragateiro, e que não abateu por defeito de construcção.

Resumindo: tapa o seu quintal.

Faz mais, por proposta do seu presidente, a parede fronteira do edificio do Hospital, e abre-lhe duas portas—uma para o sul e outra para o norte.

Teve em vista o estado sanitario, por causa das correntes d'ar...

Faz ainda por proposta do seu presidente o alargamen-

to do cemiterio com o terreno que ahi tem para o lado do norte, e que estava reservado para os não catholicos, e não se aproveita dos terrenos contiguos para o lado do nascente, como estava projectado, e nos quaes o sr. Francisco Peixoto já tem feito edificações e continúa fazendo.

Pois o terreno do lado do norte chega para uma população d'estas?

Alarguem-se, homens de Deus, alarguem-se!...

Até aqui faz o vereador Fragateiro, por propostas do seu presidente; agora faz elle mesmo.

Propõe que se venda um terreno municipal, sito no Carregal d'Ovar, do lado do sul, para evitar tomadias que ahi tem havido.

—Faz bem! Porque não anda mais para o sul a vêr se ha mais?... Ande, ande, que talvez encontre.

Propõe a venda dos terrenos sitos nas *tapagens* (!) ao lado do norte da estrada, em continuação da casa de José Manoel Romão, e do sul, afastados da estrada, quer um quer outro, 2 metros, devendo no sitio apropriado deixar largura para uma rua transversal, ficando as construcções divididas em *quarteirões, similhaves* aos do Fuz radouro.

As *tapagens* não farão parte da villa? Já está feita a sua planta? Ou serão os terrenos vendidos pelo processo do das edificações que alli estão feitas?

Faz ainda o vereador Fragateiro por proposta sua a venda d'um terreno, sito na rua dos Campos, triangular.

Não nos dirá qual é esse terreno e se faz parte tambem da sua promettida planta?

Vamos transcrever por ultimo, mais uma proposta do vereador Fragateiro:

«Propôz ainda a venda do terreno ao nascente da feira do Martyr S. Sebastião d'esta villa, em toda a extensão que vae da estação á capella do Martyr, tendo de largura nas duas extremidades 20 metros, sendo a frente do terreno em linha recta perpendicular á linha das casas do lado do sul. A camara approvou esta proposta, encarregando os dous mestres d'obras de medir o mesmo terreno para depois ser posto em praça nas melhores condições que esta offerecer.»

Ora, esses terrenos foram expropriados por uma camara para se lhe dar a applicação mais conveniente e legal, para o que se fez uma planta.

Agora vão ser vendidos os de mais valor no sentido da proposta do vereador Fragateiro.

Haverá aqui algum syndicato em que tanto se fallou?

Responda-nos, sr. Fragateiro, e ha de concordar que depois d'isto tudo não nos fica mal gritar com toda a força dos pulmões: «aqui d'el-rei!»

Voltaremos a analysar a sessão de 24 de janeiro, mas não concluiremos sem *bemdi-zer* o sr. vereador Polonia que fez demittir o guarda Furtado, por cortar pinheiros das mattas municipaes.

Consta-nos que já está participando em juizo.

E a proposito das mattas municipaes, seja-nos licito perguntar ao sr. vereador Fragateiro, que quer luz e mais luz em tudo, qual é o cargo municipal que desempenha o seu primo Manoel d'Oliveira Gomes, o Ramada, e bem assim o de Manoel Antonio Lopes Junior.

Esperamos resposta, mas se não responder é a mesma coisa.

## CONFRONTOS

### IV

O sr. Fragateiro que está á frente dos negocios municipaes conjunctamente com os progressistas, em abril de 1888 escrevia:

«—Positivamente a Estrumada vai-se toda d'esta vez.

Nem o lendario Pinheiro Alto deixaram escapar!

Estamos na anarchia. A ordem do dia é o roubo dos bens municipaes.

Os ladrões, ou antes os correligionarios *limonados* perderam de todo a vergonha.

E' dar-lhe para a frente, rapazes! d'alguns modos se devem pagar as arruaças e os espancamentos, já que os cabeças não pagam aquillo que prometteram, nem sequer pagaram o vinho, que pague o municipio.

Que honrados... *politicos!*

Tem toda a razão o nosso homem. Os progressistas perderam de todo a vergonha, desde que admittiram no seu grupo aquelle que os *elogiou* da fórma acima exposta; e senão, conteste-nos.

No *Povo d'Ovar* de 18 de agosto de 1889, deparamos com a local seguinte:

«**Moeda falsa**—Ha dias julgou-se em Estarreja um réo accusado pelo crime de moeda falsa.

A esse jury concorreram jurados de 3 comarcas. Mas o *Carga*, que não é jurado, tambem lá appareceu.

E não só appareceu como pedia instantemente a favor do homem.

Sempre assim. Em todas as audiencias em que se tenha de julgar homens accusados de passadores de moe-

da falsa, lá está o *Carga* pedindo, implorando.

E' que todos os passadores de moeda falsa não constituem mais do que uma companhia de que o *Carga* é chefe.»

Quem era este sr. *Carga*? Aventuramo-nos a esta pergunta innocente por certas amizades reatadas por occasião das primeiras eleições geraes passadas. Responda-nos.

Do mesmo semanario, hoje *progressista-independente*, de 2 de fevereiro de 1890, transcrevemos:

«**Ratoneiro**—O *Carga* levou um dos pedrezes d'uma das janellas da administração do concelho.

Nem isto lhe escapou! O que levará elle da camara?»

Este senhor é o mesmo que foi a Estarreja assistir e pedir pelo homem accusado de passador de moeda falsa?

Queira dar-nos o immenso prazer de uma resposta mesmo laconica, para serem escoraçadas do nosso espirito certas duvidas...

A proposito de certo club, diz o orgão do nosso *politico* de 3 de março de 1889:

«**Sempre os mesmos!**—Onde elles entram, é sabido que ha *gancho* certo. Téem o principio activo do roubo na massa do sangue, e não se corrigem. Deixal-os á vontade: algum dia tomam tamanha indigestão que nem alma se lhes aproveita.»

E remata assim a noticia: «—Confessem ao menos que elles são uns refinados *larapios*.»

Elles quem? Os progressistas?!

Nada; não póde ser.

Nós fazemos inteira justiça ao caracter *firme* do nosso homem: não podemos acreditar que elle lançasse o mais infame epitheto—*larapios*—aos progressistas que hoje defende e com quem está.

Por caridade, tire-nos o sr. Fragateiro de pezadissimas suspeitas a este fim.

Eis o que esperamos.

Largo, peccaminoso, difficil, triste e até commiserador—tal é o campo politico em que se chafurda o personagem d'esta secção, o politico, o celebre, o bem celebre politico que, com fumaças de sabio e de intelligencia que denotaria despeito, inveja e sentimento a um Victor Hu-

go, apresenta-se no seu orgão incolor-progressista, qual casquilho, desprestigiando aquelles dos seus antigos e serviaes amigos-correligionarios a quem hontem ainda tecia louvores, porém sempre mudo ás nossas incessantes perguntas pelas suas responsabilidades passadas e presentes!

Se ha situação politica mais triste do que a d'este celebre, tristemente celebre *politico*, nós desconhecemol-a.

A tudo, tudo que se nos ha perguntado, respondemos desassombadamente, e desassombadamente combatemos.

Porque o não faz o *Povo d'Ovar*?

Bem o sabemos; é porque como nós, não póde citar-nos contradicções, não póde, como nós, transcrever o que se segue abaixo, e que feriu em tempos passados e sempre lembrados os progressistas com quem hoje fez junção politica e amigavelmente.

E, para mais prova, leia-se:

### Ladrões

«Foram sempre assim: organizaram as arruaças, assalariaram caceteiros espancaram os quarenta maiores contribuintes, roubaram o direito de votar a centenas de cidadãos, e, depois, ainda diffamaram as victimas—*ladrões*.

Falsificaram a guia do n.º 23 do recenseamento militar do recrutamento d'este anno: roubaram ao Estado 300\$000 réis, para salvarem os administradores da sociedade, sua protegida, e propalam entre os afeiçoados que fôram os seus adversarios que quizeram compromettel-os—*ladrões*.

Ladrões, não serão capazes de levantar esta nota infamante, elles que se vangloriam do nome do Limonada, celebre entre nós por ter roubado na feira dos Campos algumas libras a um pobre lavrador que alli estava fazendo as suas compras—*ladrões*.

Ladrões, porque depois de roubarem os cidadãos impedindo-os de votar, lezaram o municipio e por ultimo defraudaram o thesouro publico em 300\$000 réis—*ladrões*.»

## NOTICIARIO

### EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes em debito que recebem o nosso jornal pelo correio, pedimos a fineza de mandarem satisfazer as suas importancias com a brevidade possivel.

A administração.

### Roubo de gallinhas

Foi infeliz, muito infeliz d'esta vez o snr. João, por antinomazia—O *Crystal*—ahi da rua do Bajunca, em um roubo de gallinhas que fez a um seu visinho.

Querem os leitores saber? O Joãozinho preparava se talvez a depennar as inoffensivas aves, quando a policia, a convite do roubo, se apresentou em sua casa, resistando todos os cantinhos!

A sogra do *larapio*, ao avistar os homens da justiça, sobraçou um embrulho volumoso—as gallinhas mortas—e pôz-se em fuga, sendo pilhada lá para os lados do Arieiro e em seguida preza!

O João e a sua sogra, Marianna Marneca, estão á sombra, esperando do sr. juiz de direito a recompensa que o caso requer.

Justiça, sr. juiz, justiça!

### A administração do concelho

Está entregue interinamente ao sr. dr. Descalço, em substituição do *terrivel, energico e muito intelligente* sr. Alpheu, que foi até Lisboa fallar aos primeiros caudillos regeneradores para negarem a consideração e respeito que elles tributam ao sr. dr. Aralla e Costa.

Mais se diz que sua ex.ª, o sr. Alpheu, se houver quêda ministerial proxima e que seja succedida pelos progressistas, vae ser chamado para ministro da guerra, apesar de não ser das milicias, e o sr. Fragateiro para a pasta... da fazenda!

Desejamos muita saude a sua ex.ª; e oxalá nos visite brevemente, vi ita que anticipará para uma recapção brilhante que lhe projectamos!

Vel-a-ha, creia.

### Finamento

Finou-se na semana passada na sua casa do Pinheiro da Bemposta, o sr. José Caetano dos Santos Ribeiro, pae do nosso amigo, Ricardo da Silva Ribeiro, negociante e photographo-amador, na rua das Figueiras, d'esta villa.

Pezames.

### Baile de mascarar

Effectuou-se no domingo, como noticiamos, o primeiro baile no salão da rua do Picoto.

Concorrencia enormissima; o numero de *damas* superior ao do anno transacto; appareceram muitas e engraçadissimas mascarar.

A falta de espaço inhibe-nos de fallarmos mais amplamente d'este baile.

Na quinta-feira promettemos ser mais diligentes.

Temos hoje baile no mesmo salão aonde, segundo nos informam, será conferido um premio de fino gosto ao melhor mascara que alli se apresentar.

Aventure-se a rapaziada! Ao baile hoje, sem falta!

### O carnaval

Teve bons prenuncios o reinadio carnaval ao fazer as suas entradas.

No domingo, um grupo de rapazes que constituem a «*flor vareira*» percorreram as ruas mais centraes da villa.

Vinham elles vestidos a primor e com graça, com novos e bonitos fatos que o Silva Cerveira recebeu ha dias; tambem na tarde d'esse mesmo dia lembraram-se tres sucios bem conhecidos de andarem pelas ruas, mascarados, a cantar, parodiando estes francezes mendigos que quasi sempre nos visitam, parodia que revelou o maior chiste e que ninguem deixou de applaudir.

E' de crêr que hoje tenhamos alguma brincadeira carnavalesca.

Oxalá.

### Festividades

Na quinta-feira teve lugar na igreja matriz a festa á sr.ª do Rosario—havendo de manhã missa e de tarde sermão pelo rev. padre Lourenço Salgueiro, de Aveiro, e ladainha.

Apesar de ser a primeira vez que veio a esta villa o rev. Salgueiro—a sua oração agradou.

—No domingo festejou-se em Vallega—o S. Gonçalo—havendo de manhã, missa, sermão e de tarde arraial.

A concorrência foi regular.

### Incommodados

Continuam incommodados o sr. Manoel Joaquim Rodrigues, do Outeiro, e a ex.ª esposa do sr. Augusto de Oliveira Gomes.

Rapidas melhoras são os nossos desejos.

### Para Paris

Parte brevemente o ex.º sr. Manoel Portovedo Junior.

Sua ex.ª conta demorar-se algum tempo n'aquella cidade, e *reverternos* para cá noticias da grande capital da França!

### Nomeação

Diz-se que vae ser nomeado regedor d'esta freguezia, o sr. Alfredo Cezar de Brito.

Parabens.

### Desgraças

Partiu-se hontem, na occasião em que se dirigia para casa, um eixo do carro do Salgueiro.

Felizmente não ha a lamentar desgraças.

—Tambem na segunda-feira, na occasião em que se dirigia para o Furadouro, partiu um braço o guarda nocturno, Francisco Caramba.

Attribuem a queda a effeitos da pinga!

### Aos nossos collaboradores

Os extensos artigos politicos não nos deixa dar publicação a alguns artigos litterarios e poesias e uma correspondencia de Lisboa que recebemos, pedindo por isso desculpa aos nossos amigos collaboradores.

### Carta

Do sr. Antonio Maria Valerio, illustrado e entendido regente da philharmonica «*Ovarense*», recebemos um carta respondendo ao sr. Valente Compadre, por causa d'essa tão *celebre*, tão pequenina e tão nojeita questão de musicas, que hoje não publicamos por falta de espaço.

Desculpe-nos o sr. Valerio esta falta que remediaremos na proxima quinta-feira.

## CHRONICA

### Carnaval! carnaval!

Pedem-me o principio da chronica. E' o Jayme, o pandego Jayme, o *reinadio* Jayme, o tetrico Jayme, o funambulesco Jayme.

Dizer-lhe que não? Impossivel.

Lá vae, pois, o principio da chronica.

Era d'uma vez...  
Perdão. Tenho sede.—Fazem-me o favor d'um copo d'agua?...

—Ah!... que fresca! que boa!...  
Vamos lá... ao principio da chronica.

—Era d'uma vez...  
—O' Ramos, não sabes? Sinto-me um pouco mal das *glandulas*... mas isto passa.

Agora é que vae o principio da chronica.

—Era d'uma vez um *maricas*...  
—Ora... ora!... Para que me interrompem?

Que me importa a mim que vão visitar o resequido esqueleto do S. Christovão?

Questão de amor pela arte... questões profundissimas de archeologia...

—Façam favor de não me interromperem!

E' demais! Deixem-me principiar.

Era d'uma vez um *maricas* que...

—E' demais! E' demais! Não posso! Ora que terei eu com as *glandulas* e com o S. Christovão? Descalça tu a bota, ó Jayme

Adeus. Principia tu.

.....

Obrigadissimo, amigo!  
Se não fosses tão *espevitado* terias mais valor; assim... não.

Entreguei-te a pasta de chronista esta semana, conscio, bem conscio de que a haviás de gerir com proficiencia, visto o teu talento e a tua graça.

Para que, afinal?

Lastimo-te devéras pela entrada de leão, e sahida de... com que te mostraste.

Vou eu principiar.

.....

Para não mentir no começo da obra, confesso já um peccado: passavam sete minutos das nove horas da noite de domingo, quando, a muito custo, pude entrar no salão do Picóto—no salão do baile de mascarar,—o primeiro este anno que se effectuou cá na terra.

Cheguei tarde, mas a tempo.

Já fallei na quinta-feira do adorno do salão. Hoje só accrescento a illuminação soberba, de um effeito que deslumbrou toda a gente que não faltou no domingo, como preveni. Dez lustres e grandes contei eu, todos em serviço activo. Imagine-se que paraizo aquelle!

Como disse, rompi a muito custo pelo sotão do armazem do Picóto, transformado provisoriamente em «sala de baile», que não desmereceria em nada ao pé dos salões parisienses, pelos cortinados lindissimos e ricos, pelo estôfo moderno d'um esplendido *chaise-longs*, um grande espelho de crystal, um relógio americano, longas filas de bancos muito commodos também pelos seus estôfos, uma illuminação, repito, soberba, de um effeito que a toda a gente deslumbrou, e então uma orchestra composta de vinte e sete figuras que executou n'aquella noite com todo o mimo e perfeição largos trechos de operas, taes como: «Trovador», «Gioconda», «Aida», «Cavallaria Rusticana»; e para dançar, escolhidas quadrilhas, e valsas, vindas expressamente de Italia.

.....

Seja-me permittida e desculpada mais uma repetição.

A concorrência de cavalheiros de todas as gerarchias era enorme, enormissima; e de damas, igualmente de todas as gerarchias, também muito soffrivel: vi e contei trinta e trez!!!

As *toilettes* soberbas, exquisites mas tresandando a modernismo. Consta-me até que para este fim veio expressamente um esplendido guarda-roupa da India!

.....

Trinta e tres damas, cada qual mais gentil, contei eu! Trinta e tres! As mascarar em grosso numero que alli appareceram, eram verdadeiramente sensaboronas! A's suas entradas *magistraes*, ninguem ria, e muitas vezes nem olhava!

Pelo F. Valle, por causa dos seus males... da cabeça, fui encarregado de toda a marcação, em italiano, das quadrilhas que correram sempre animadas e... muito bem!

Valsas, não pude dançar por prohibição d'um callo brejeiro que nem na *sepultura*, como dizia a minha amada d'outros tempos, me deixará.

Resumindo. O serviço dos policias merece louvores pela pacatez com que todos se houveram; do contrario... chelindró para que serves!

O vinho fino, doces, bisnagas e refrescos do Cerveira, voaram. Terminou o memoravel baile ás 4 e 3 quartos horas da madrugada!

Memoravel e aristocratico baile chamo eu ao de domingo por ver n'elle representados e bem: a direcção dos correios e telegraphos e não sei se também pharoes, pelo espirituoso e imprescindivel Cezar de Brito; o seu pessoal pelo dançarino A. Pimenta; a classe commercial pela flor da rapaziada d'Ovar, João Alves; industria, Silverio Bastos; capitalista, seringador e chuchador-mór d'estes reinos, José Gomes; a imprensa vareira pelos srs. dr. Fragateiro do «Povo d'Ovar», Manoel Bismark, «Folha d'Ovar», e Antonio Maria Cacoila «Ovarense».

Os periodicos lisboenses representavam-se pelos seus correspondentes, a saber:

«Seculo» F. Valle; «Vanguarda», Rigueira Junior, da rua de Santo Antonio; «Diario Illustrado», Bonifacio (escrevente); «Correio da Noite» Hermiuio Reis, e «Correio da Tarde» o celebre sargento Falcão de quem dizem... coisas feias.

Periodicos portuenses:

«A Voz Publica», José Ramos; «Primeiro de Janeiro», um empregado na fabrica de tecidos do sr. Bastos, sr. *Tavallion!*; «Jornal de Noticias» Manoel Portovedo; e representou um jornal que se publica no Egypto com esta epigraphe, o sr. A. Valerio.

.....

Hoje tem lugar outro baile.

E desnecessario lembrar aos nossos leitores que não se salvam se trocaram a cama pela noite alegre que hoje se deve passar no salão do Picóto.

Ao baile, rapaziada, ao baile! E' aproveitar, é gozar e gozar muito e em quanto se puder, porque a morte é certa!

E mais não digo.

Para constar escrevi a presente chronica que vou assignar sem testemunhas.

Jayme.

## ANNUNCIOS JUDICIAES

### ARREMATÇÃO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No domingo, 19 do proximo mez de fevereiro, pelo meio dia, a porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça, d'esta villa, ha-de ser posta em praça, para ser arrematada por quem mais offerecer sobre o preço da respectiva avaliação, a propriedade abaixo mencionada,

penhorada aos executados Manoel Bernardo da Costa e mulher, das Luzes, na execução hypothecaria que lhes move Affonso José Martins, casado, negociante, do Picoto, todos d'esta villa, a saber—Uma morada de casas terreas, com quintal e mais pertencas, sita nas Luzes, d'esta villa, de natureza allodial, que confronta do norte e poente com caminhos publicos, sul e nascente com João Huet de Bacellar, avaliada em 270,000 réis. Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 24 de janeiro de 1893.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

(82)

## Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 19 do proximo mez de fevereiro, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça d'Ovar, por deliberação tomada pelo conselho de familia no inventario orphanologico, a que se procede por obito de José Dias Rajado, morador que foi na Ponte Nova, d'esta villa, ha de ser arrematada por quem mais offerecer sobre a avaliação respectiva a seguinte propriedade: uma morada de casas terreas, com quintal, parte de poço e suas pertencas, sita no lugar da Ponte Nova, d'esta villa, allodial, avaliada em 315,000 réis.

A propriedade vae á praça para pagamento do passivo approved, e as despezas d'esta e a contribuição de registro ficam a cargo do arrematante.

Por este são citados quaesquer credores incertos do inventariado para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 24 de janeiro de 1893.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(79)

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Por este juizo de direito, escrivão Sobreira, correm editos de 60 dias a contar da 2.ª publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os herdeiros Antonio Joaquim Fernandes Leite e

mulher, Manoel Fernandes Leite, cujo estado se ignora, Manoel Fernandes Gomes, solteiro, maior, e uma filha dos fallecidos João Fernandes Leite e mulher, cujo nome, idade e estado se ignoram, todos auzentes em parte incerta do Brazil, para os termos do inventario orphanologico aberto por obito de sua mãe e avó Josefa Pereira da Silva, viuva, moradora, que foi, no lugar do Serrado, freguezia d'Arada.

Ovar, 28 de janeiro de 1893.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(80)

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca de Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os herdeiros Joaquim da Costa Ponte-nova, ausente no Brazil; Rosa de Oliveira Areia, e marido Manoel dos Santos Soares, residentes em Lisboa, Anna de Oliveira Areia, residente no Porto, e marido João Pacheco, residente em Lisboa, Manoel da Costa Ponte-nova, residente em Lisboa, José da Costa Ponte-nova e mulher Maria José, residentes em Lisboa, Maria de Jesus de Oliveira Areia, residente no Porto, e marido Julio da Silva, ausente no Brazil, Hirminia de Oliveira Areia e marido Manoel Tavares, e Antonio da Costa Ponte-nova, solteiro, residentes em Lisboa, todos em parte incerta, para assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de sua mãe e sogra Maria de Oliveira Areia, moradora que foi na rua dos Campos, d'esta villa, nos termos do § 3.º do artigo 696.º do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 7 de Fevereiro de 1893.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elycio Ferraz de Abreu.

(83)

## Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 26 do corrente, por meio dia e á porta do Tribunal Judicial, sito na

praça d'esta villa, por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Francisco Rodrigues Constantino, morador, que foi, no lugar das Pedras de Cima, freguezia d'Arada, para pagamento de dividas passivas approvadas, se ha de proceder á arrematação d'uma propriedade de casas terreas com cortinha lavradia pegada e mais pertencas, sita no lugar das Pedras de Cima, freguezia de Arada, de natureza de praso, foreiro a D. Francisca, cunhada do conselheiro Joaquim d'Almeida Corrêa Leal, moradora na freguezia de Passos de Brandão, comarca da Feira, a quem paga annualmente de fóro 37,908 litros de milho, tem laudemio de dez-um, avaliada em réis 190,000, para ser entregue a quem mais der sobre este valor, com declaração, porém, de que as despezas da praça e a contribuição de registro são por conta do arrematante.

Pelo presente são citados os credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 6 de fevereiro de 1893.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elycio Ferraz de Abreu.

(84)

## ANNUNCIOS

### AGRADECIMENTO

Margarida Emilia de Souza e Pinho, seus filhos, nora, cunhados e sobrinhos, agradecem por este meio, profundamente penhorados, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido, pae, sogro, irmão, cunhado e tio, Manoel José de Pinho Agueda, e a todos protestam a sua eterna gratidão.

Ovar, 26 de janeiro de 1893.

### Estabelecimento de telha

Albino de Almeida, da Regedoura (Vallega), participa ao respeitavel publico que tem grande sortimento de telha de 1.ª e 2.ª qualidade.

### Preços

Milheiro, 1.ª qualidade, 5\$500 réis.

Milheiro, 2.ª qualidade, 3\$500 réis.

Porto — Imp. Civilisação

Rua de St.º Ildefonso, 73-77 (Poçinh)